

COIMBRA • 2014

59

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

BOLETIM DE ESTUDOS CLÁSSICOS

PUBLICAÇÃO ANUAL

do Associação Portuguesa
de Estudos Clássicos

EM COLABORAÇÃO

Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade
de Letras da Universidade de Coimbra

DIRECTOR

Paula Barata Dias
pabadias@hotmail.com

COMISSÃO EDITORIAL

Cláudia Teixeira
José Luís Brandão
Rodrigo Furtado

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

DIRECTOR DE IMAGEM

António Barros

INFOGRAFIA

Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA

www.artipol.net

ISSN • 0872-2110

DEPÓSITO LEGAL

43144/91

COTA ANUAL DA APEC • 30 Euros / pagamento por Transferência Bancária para o

NIB: 003502550021072963061

NÚMERO AVULSO • 30 Euros

CORRESPONDÊNCIA E PEDIDOS A:

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Faculdade de Letras
3004-530 Coimbra
Tel. 239 859 981
Fax. 239 410 022

APOIO



FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

 Santander Totta

ÍNDICE

Nota de Abertura por PAULA BARATA DIAS.....	7
JOSÉ JORGE LETRIA, <i>A Homero o que é de Homero</i>	11

GREGO

DELFIN LEÃO, <i>Sólon e as normas sobre prostituição e instituição de bordéis em Atenas</i>	15
LUCIANO COUTINHO, <i>Problemas de tradução da página 176b6-7 do Cármenes de Platão: ἦν ἐπάδειν παρέχῃς Σωκράτει</i>	23
RODRIGO PINTO DE BRITO, <i>Reflexões sobre 'Contra os retóricos', de Sexto Empírico</i>	39

LATIM

JOSÉ LUÍS BRANDÃO, <i>Páginas de Suetónio: a morte de Augusto ou o “mimo da vida”</i>	61
CARLA SUSANA VIEIRA GONÇALVES, <i>Tipos da Historiografia Romana</i>	75
RUI MORAIS, AMÉLIA OLIVEIRA, <i>O uso e significado do termo dactiloteca em Portugal nos registos latinos e modernos</i>	83
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, <i>A epígrafe latina como elemento didáctico (XXXIII): O colégio dos sêxviro - religião e poder em evidência</i>	95

LATIM MEDIEVAL

PAULA BARATA DIAS, <i>La donna è mobile...: tradução e comentário do Poema Alfabético acerca da maldade feminina (Canticum Alphabeticum de Mala Muliere (anónimo, séc. XIII)</i>	105
--	-----

LATIM RENASCENTISTA

- CARLOTA MIRANDA URBANO, *Uma questão de astronomia no Viridarium do P. Francisco Mendoça SJ (1632)*125

TRADIÇÃO CLÁSSICA

- NUNO SIMÕES RODRIGUES, *A Antiguidade no Cinema: Caligula de Tinto Brass e Bob Guccione (1979)*137
- WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE, *Nas origens do drama e do teatro ocidental. Onde cabe o romance e o cinema?*.....153
- MARIA DO SAMEIRO BARROSO,
José Leite De Vasconcellos – Nos Caminhos De Prometeu 167
- JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS, *A História de um Homem Deitado - Paludes de André Gide e a primeira écloga de Virgílio* 174

6

ALIMENTAÇÃO – FONTES, CULTURA E SOCIEDADE

- GUIDA CÂNDIDO, *Dos legumes de Vagem em Apício, De re coquinaria*191

NOTÍCIAS

- XVI Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico,
por JOSÉ LUÍS BRANDÃO e RICARDO ACÁCIO209
- Projeto Pi - Edição 2014, por ANA SEIÇA, ELISABETE CAÇÃO ET AL.*215
- Xenofonte, Retirada dos dez mil (tradução de AQUILINO RIBEIRO) por PAULA BARATA DIAS*219
- I Concurso Literário de Contos de Inspiração Clássica por ANITA MARTINS*.....221
- O Labirinto Inverso por DIOGO CAPELO*223
- Outro Canto IX por TOMÁS RIBEIRO GOMES*.....229
- Os 7 trabalhos de Sócrates por JOSÉ MIGUEL MIRANDA URBANO*239

A EPÍGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁCTICO (XXXIII): O COLÉGIO DOS SÊXVIROS – RELIGIÃO E PODER EM EVIDÊNCIA

(THE LATIN EPIGRAPHY AS A DIDACTIC ELEMENT (XXXIII):
THE COLLEGE OF *SEVIRI* - RELIGION AND POWER IN EVIDENCE)

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

UC - CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA,
ARTES E CIÊNCIAS DO PATRIMÓNIO

95

Resumo: Procura mostrar-se, através da análise da actividade dos sêxviros, como a religião e o poder se encontram intimamente ligados durante a época romana. Assinala-se que eram predominantemente os libertos que integravam este colégio sacerdotal relacionado com o culto ao imperador.

Exemplifica-se com uma epígrafe de *Balsa* (IRCP 73), em que um sêxviro agradece à deusa Fortuna Augusta o ter sido eleito, atestando que cumpriu assim as promessas eleitorais.

Palavras-chave: *seviri*; *augustales*; religião e poder político.

Abstract: By examining the *seviri*'s activities present in the Roman epigraphic monuments, we seek to show how religion and the political power were closely connected during that time.

Freedmen are the members of this college related to the worship of the emperor an epigraphic evidence (IRCP 73) of *Balsa*, a *civitas* in the south

of *Lusitania*, shows us how a *sevir* thanks the goddess *Fortuna Augusta* for his election, with the promised organisation of pleasing events.

Keywords: *seviri*; *augustales*; religion and political power.

O COLÉGIO DOS SÊXVIROS – RELIGIÃO E PODER EM EVIDÊNCIA

Celebra-se, neste ano de 2014, o bimilenário da morte do imperador Augusto. Foi oficialmente considerado *divus*, e Tibério, o seu sucessor, promoveu-lhe o culto, porque dessa sorte também ficaria beneficiado, ele que detestava a ostentação e, assim, era a divina memória de Augusto que poderia continuar a envolver o seu reinado.

Estranhar-se-á, porventura e à primeira vista, essa palavra ‘divinização’, ainda que aplicada a alguém já falecido. Trata-se, porém, afinal, de um procedimento mais comum do que parece:

96

- os restos mortais de Amália Rodrigues e, agora, de Sophia de Mello Breyner Andresen deram entrada no Panteão Nacional, lugar simbólico de uma ‘divinização’ também, porque «panteão» é lugar para todos os deuses;
- e, a 27 de Abril, p. p., o Papa Francisco canonizou João XXIII e João Paulo II, entronizando-os, assim, no rol dos santos, considerando-os, pois, participantes de uma centelha divina, faróis a alumiar caminhos!...

Assim, em tempo de Romanos. O imperador, após a morte, corria três riscos, como todos nós: a maldição (e seu nome seria, inclusive, martelado nas inscrições, para que a sua memória se danasse – *damnatio memoriae*), a indiferença ou a divinização.

Não quis abertamente o primeiro imperador que lhe fosse outorgada qualquer prerrogativa divina, ainda que se não tivesse olvidado de escolher, como nome, algo que dos deuses era apanágio: a capacidade de

umentar o bem-estar dos seus concidadãos. *Augustus* se quis chamar, pois se auspiciava que de todo afastaria angústias. Também recusou, como se sabe, o título de pontífice máximo enquanto foi vivo quem o detinha – e disso, aliás, faz gala nas *Res Gestae* (10.2).

Paulatinamente, porém, o seu culto mesmo em vida se foi organizando por todo o Império, inclusive a nível local e provincial, servido pelos flâmines e pelo colégio dos sêxviros. Destes importa agora discorrer.

OS SÊXVIROS AUGUSTAIS

Uma bem conhecida inscrição de *Balsa* (Tavira) dá conta das festividades levadas a efeito por *Annius Primitivus*, como forma de se regozijar por ter sido eleito sêxviro – *ob honorem IIIIIvir(atus) sui* – e, de certo modo, para assim cumprir de imediato as promessas feitas aquando da campanha eleitoral: *edito barcarum certamine et pugilum sportulis etiam civibus datis*.¹ Era obrigatório o dispêndio de determinada importância em prol da comunidade – *summa honoraria* – e *Annius Primitivus* assim se apressou a fazer e lapidarmente o consignou: *de sua pecunia dono dedit*. A epígrafe é, todavia, assumida como ex-voto de reconhecimento à deusa *Fortuna Augusta*.

Trata-se, naturalmente, de uma epígrafe que se presta a inúmeros comentários, inclusive no domínio da língua, mormente se quiséssemos optar aqui por seguir à risca o objectivo geral destas notas: «a epígrafe latina como elemento didáctico». Permita-se-me que se deixem estas pistas por explorar agora, uma vez que a tónica do culto imperial se integra na temática própria da celebração do bimilenário da morte de quem, após ela, *divus* se tornou.

Também não virá ao caso a discussão – quiçá mais académica do que real – acerca da distinção entre *augustales*, *seviri* e *seviri augustales*,

1 IRCP 73. Ver foto infra, p. 103.

que os investigadores têm amiúde dissecado com propriedade e saber.² Alinhavam-se, porém, algumas ideias a esse respeito, só para se ficar desde logo com uma noção do que estava realmente em causa.

Assim, no que concerne à diversidade de designações, que Robert Duthoy procurara sistematizar,³ é bem provável, primeiro, que só teoricamente hajam correspondido a funções específicas; e, depois, que os dedicantes das epígrafes se tivessem preocupado – ou tivessem conhecimentos bastantes – em usar a terminologia adequada. Não deixa, por isso, de ser sintomática, por exemplo, a opção de Marco Buonocore, que, ao propor o exemplo da *Regio IV* para trazer luz acerca da difusão dos augustais, explica que usa o termo **Augustales* para designar, «para além das associações dos *Augustales*, dos *seviri Augustales* e dos *magistri Augustales*, também as dos *seviri nude dicti*, porquanto nem sempre é fácil determinar o significado da designação *seviri Augustales* e demais categorias afins, se nos quisermos ater à categorização proposta por Duthoy».⁴

98

Independentemente das distinções que Robert Duthoy intentou propor, é importante o seu estudo acerca da «função social» que essa categoria sacerdotal implicava, inclusive para melhor se compreender o relevo que há a dar à inscrição de *Balsa*.

Pelas contas que pôde fazer, Duthoy verificou que eram libertos 85% dos *seviri augustales*, 92% dos *augustales* e apenas 66% dos *seviri* (art. cit., p. 134, n. 1), concluindo que os *augustales* eram «essencialmente associações de libertos» (p. 141).

Interrogando-se sobre o motivo que levaria uma pessoa a candidatar-se a essas funções (p. 151-154), esclarece que seria uma espécie de con-

2 Indiquem-se, a título de exemplo, as contribuições de Robert Duthoy, seguramente o investigador que mais atenção dedicou a este tema. Cite-se dele: 1974: 134-154 e, de modo especial, a grande síntese: 1978: 1254-1309.

3 1970: 88-105.

4 Buonocore: 1995 123-139. Também José Miguel Serrano Delgado esboçou idêntica proposta quantitativa em relação ao Ocidente: 1993, 147-155. Aliás, esse estudo vem na sequência da sua obra de 1988, cujo apêndice nº I (p. 152-169) se ocupa expressamente da «terminología de la Augustalidad».

sagração do seu êxito social, atendendo a que, como apenas libertos, não gozavam de regalias reservadas aos cidadãos livres. Sêxviros, passavam a ter direito a lugares reservados nos espectáculos e em sessões públicas, como os magistrados; podiam envergar a *toga praetexta*; acompanhavam-nos *lictors* com *fasces*; saíam, enfim, do anonimato e um factor psicossociológico deve ter exercido igualmente um papel deveras relevante: podiam imitar os gestos dos *ingenui* ricos, inclusive, e sobretudo, no que concerne aos sempre prestigiantes donativos...

Contudo, segundo Duthoy, a pompa, os sacrifícios às divindades, a organização de jogos (*ludi*), a oferta de um banquete (*epulum*) constituíam, de certo modo, uma obrigação contraída, um compromisso assumido, pelo que não se pode, sem mais, integrar, por exemplo, um banquete no rol dos actos benemerentes.

PARA MELHOR SE ENTENDER IRCP 73

99

Creio bem que não haverá grande margem para erro se afirmarmos não ser do quotidiano provincial essa preocupação rígida de atribuir, nas epígrafes, a designação correcta da função. G. Humbert, no artigo de síntese que assinou no *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, de Daremberg et Saglio, s. v. «Augustales» (p. 560-561), não hesita em afirmar que, embora oficialmente o colégio dos sêxviros haja sido criado por Tibério, naquele seu desejo de honrar soberanamente a *gens Iulia*, já antes as centenas de inscrições gravadas por todo o Império proclamavam um culto ao imperador reinante. Não posso deixar de concordar com esta opinião, acrescentando que o panorama que se nos oferece na Lusitânia ocidental é o de que são os libertos quem se candidata maioritariamente a integrar esse colégio. Compreende-se porquê: primeiro, pelas regalias que a função lhes dá, como atrás se viu; depois, porque, na verdade, nas suas mãos estará a maior parte a economia da *civitas*, porquanto, libertos sem dúvida de uma família

endinheirada e de elevado estatuto sociopolítico, disso importava fazer ostentação para maiores favores ainda se granjear.

Assim, teremos de considerar em *Balsa* uma *gens Annia* notável, em que não haverá, porventura, muita dificuldade em incluir o *L. Annius Lapillianus*, quiçá liberto também, integrado na extensa lista de beneméritos identificada em Faro, a vizinha *Ossonoba* (IRCP 10), e os dois *L. Annii* de que há notícia em zona mineira de Cortes Pereira, Alcoutim, falecidos ambos com a propecta idade de 85 anos (IRCP 91). E é bem provável que outros testemunhos mais venham a ser encontrados.

Por ter sido eleito sêxviro (*ob honorem seviratus sui*), promoveu Primitivo uma batalha naval, um combate de gladiadores e distribuiu *sportulae* pelos cidadãos. Mas... não pertence ele a um colégio? Os outros cinco companheiros de funções terão, também eles, organizado festejos? Creio não se haver encontrado em nenhuma cidade do Império documentação que, posta em paralelo, permita concluir que essa era a atitude normal e que cada um tomava as suas iniciativas. O mais natural era que sim, pois certamente não seriam todos libertos da mesma família; e, por outro lado, tinham os romanos uma elevada noção de ‘democracia’, de equilíbrio social, de partilhado usufruto de benesses (pelo menos na aparência) no seio das classes privilegiadas... E então? Ficamos na dúvida. E, perante essa eventualidade, esfregam os epigrafistas as mãos de contentes, uma vez que é suposto bastantes mais epígrafes virem a ser encontradas. Pusera-me, de facto, a mesma questão em relação ao pedestal dedicado *divo Augusto* por (apenas) dois augustais de *Olisipo*:⁵ não pertenceriam, também estes, a um colégio e não era previsível que todos haveriam de contribuir para a erecção de um monumento pomposo e de não menosprezável dispêndio? Permitiram as outras famílias que seus créditos se não afirmassem também?...

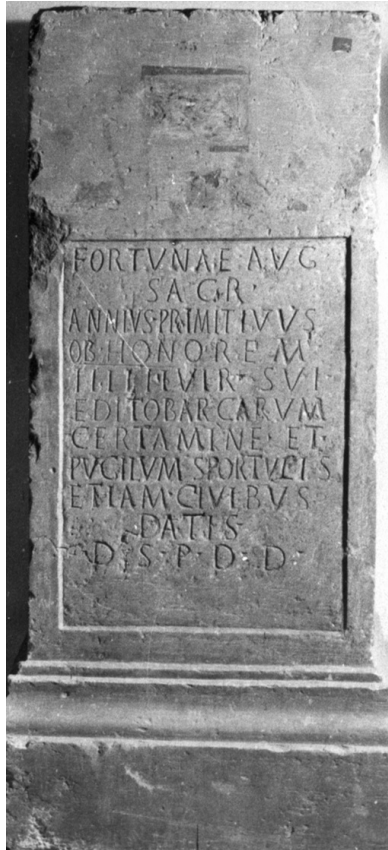
Releve-se, por fim, a circunstância de o pretexto para se perpetuar numa epígrafe o gesto de *Primitivus* ter sido, como se frisou, o da con-

5 Quinteira e Encarnação: 2009: 181-187.

sagração a *Fortuna Augusta*. Não se trata de um vulgar ‘pôr-se em bicos de pés’, para que imorredoiamente conste. Não: o que está em causa é um legítimo acto devoto, a consagração feita a uma significativa divindade! Significativa, porque é a Fortuna, a deusa que preside à promoção económica e social; significativa, porque também de Augusta é chamada, pois o sêxviro deve zelar pelo culto do imperador e a fortuna alcançada terá resultado, sem dúvida, da intercessão de uma e... dos favores do outro! O poder político e o poder económico em comunhão, nimbados de um sublime halo religioso...

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Buonocuore, M., “Per uno studio sulla diffusione degli *Augustales nel mondo romano: l’empio della *Regio IV Augustea*”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 108, 1995: 123-139.
- Duthoi, R., (1970), “Notes onomastiques sur les *Augustales*. Cognomina et indication de statut”, *L’Antiquité Classique*, 39, 1970, 88-105.
- Duthoi, R. (1974), “La fonction sociale de l’augustalité”, *Epigraphica*, 36, 1974: 134-154.
- Duthoi R. (1978), “Les Augustales” *ANRW II* 16. 2, 1978: 1254-1309.
- Encarnação, J. d’ (2013), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 1984, (2ª edição disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>).
- Quinteira, C., Encarnação, J. d’ (2009), “CIL II 182, de *Olisipo*”, *Conimbriga*, 48: 181-187. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/13088>.
- Serrano Delgado, J. M. (1988), *Status y Promoción Social de los Libertos en Hispania Romana*, Sevilha.
- Serrano Delgado, J. M., (1993), “El numero de augustales en las ciudades dell’Occidente romano: una propuesta cuantitativa”, 2º *Congresso Peninsular de História Antiga. Actas*, (Coimbra, 18-20 de Outubro de 1990), Coimbra: 147-155.



FORTVNAE AVG
 SA GR
 ANNIS PRIMITIVS
 OB HONOREM
 TITIVS SVI
 EDITO BARCARVM
 CERTAMINE ET
 PVGILVM SPORTVETIS
 ETIAM CIVIBVS
 DATIS
 D S P D D